

DF - Economia

JORNAL DE BRASÍLIA

Independência econômica

* 5 JUN 1992

A aprovação, pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma), de um projeto que autoriza a implantação de estabelecimentos comerciais e industriais em setores exclusivamente residenciais, nas cidades-satélites, certamente terá reflexo positivo na economia do Distrito Federal. Durante este longo período em que era vedada a instalação de pequenas indústrias e estabelecimentos comerciais em áreas habitacionais, criou-se uma situação paradoxal. O governo local, de um lado, forçava os pequenos empresários à marginalidade; e, de outro, perdia cifras consideráveis na arrecadação de impostos.

A decisão do Cauma vem agora colocar um pouco de racionalidade nesta questão do uso e ocupação do espaço urbano de Brasília, problema escamoteado por sucessivas administrações. Apesar de todos os esforços das autoridades, o certo é que as cidades, em todo o mundo, crescem de maneira explosiva, escapando do controle pretendido pelos urbanistas nas suas pranchetas. A população, recorrendo à criatividade, vai achando o seu lugar.

Estima-se que existam, hoje, cerca de seis mil empresas de fundo de quintal na capital da República. Este é um número impressionante e que dá uma boa mostra da crise econômica, que jogou milhões de pessoas na economia informal, em todo o País. Mas é também — e talvez, principalmente — um indicativo do espírito empreendedor e otimista dos brasilienses. Espera-se que agora, libertada dos

entraves jurídicos, a microeconomia local dê um grande salto, especialmente necessário num momento como este, quando se calcula que o Distrito Federal precisa, urgentemente, de cem mil novos postos de trabalho.

A iniciativa é louvável por inúmeros aspectos. Permitido o funcionamento das pequenas indústrias e comércios — dentro dos parâmetros fixados no projeto —, fica possível fiscalizar melhor estas empresas. Além da geração de empregos, objetivo primordial, certamente crescerá a arrecadação local, bastante achatada neste momento e que precisa ser aumentada, face ao anúncio da diminuição dos repasses federais nos próximos anos.

O custo da terra é um dos maiores obstáculos ao crescimento da economia brasiliense. Inúmeras indústrias de grande porte, mesmo que interessadas no mercado local e regional, acabam se afastando quando descobrem o preço do metro quadrado em nossa cidade. Para morar em casa, perto do Plano Piloto, o cidadão tem que desembolsar muitas dezenas de milhares de dólares para adquirir um terreno nos lagos. Ou recorrer aos condomínios que proliferaram nos últimos anos, justamente para suprir esta demanda.

Na impossibilidade de comprar lotes ou salas em áreas específicas, os pequenos empresários das satélites foram levados à informalidade, de onde o Cauma os resgata agora. Acima de tudo, Brasília precisa criar empregos. Este deve ser o principal objetivo das autoridades locais.